



Instituto Superior  
de Ciências Educativas  
do Douro

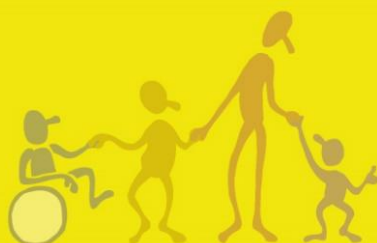


# ENCONTRO INTERNACIONAL

EDUCAÇÃO SOCIAL PELO MUNDO

PERSPETIVAS DE INTERVENÇÃO

## LIVRO DE ATAS



**Livro de atas do I Encontro Internacional Educação Social pelo Mundo - Perspetivas de Intervenção do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, decorrido a 28 de abril de 2023.**

**Proceedings book of 1<sup>st</sup> International Meeting Social Education around the World - Intervention Perspectives of Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro, 28 April 2023**

### **Ficha Técnica**

**Título: Livro de atas do I Encontro Internacional Educação Social pelo Mundo - Perspetivas de Intervenção**

**Organizadores: Alberto Rocha, Carla Lopes, Cátia Vaz, Helena Carvalho**

**Edição: ISCE Douro - Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro**

**Design/capa: Pedro Campos**

**ISBN: 978-989-53326-5-6**

**1.a Edição - Junho 2023**

**Nota/Note: As comunicações e os textos conexos são da inteira responsabilidade dos autores | The communications and the related texts are responsibility of the authors**

### **Comissão Científica**

**Alberto Rocha - Ana Raquel Aguiar - Anna Leal - Carla Lopes - Cátia Vaz - Jesús Deibe Fernández - Simo - Helena Carvalho - Mara Silva**

### **Comissão Organizadora**

**Alberto Rocha - Ana Raquel Aguiar - Anna Leal - Cátia Vaz - Carlos Silvestre - Célia Novais - Helena Carvalho - Liliana Nunes - Mónica Cardoso**

## Apoios:

Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro - ISCE Douro

Centro de Investigação: CI - ISCE

Câmara Municipal de Penafiel

Junta de Freguesia de Penafiel

Ceesg - Colexio de Educadoras e Educadores Sociais de Galicia



## **NOTA EDITORIAL**

Realizou-se no dia 28 de abril, o I Encontro Internacional Educadores Sociais pelo Mundo - Perspetivas de Intervenção, uma iniciativa organizada pelo Departamento de Educação/Social do nosso Instituto.

Este encontro teve como objetivo refletir sobre a intervenção em Educação Social em diversos contextos, contribuindo com conhecimentos académicos e conhecimentos que advêm da prática profissional de diferentes profissionais.

O evento trouxe até ao nosso Instituto especialistas nacionais e internacionais de diferentes áreas, permitindo aos alunos e a todos os participantes contactarem de perto com exemplos nacionais e internacionais de intervenção.

Nesse sentido, consideramos que faz todo o sentido colocar ao dispor da comunidade académica e profissional o resumo dos contributos deste encontro, como forma de estreitar laços entre dois mundos: académico e profissional, ambos, fundamentais para o crescimento e enriquecimento da Educação Social enquanto área científica.

A Coordenadora da Licenciatura de Educação Social,

**Cátia Vaz**

## **Programa do I Encontro Internacional Educadores Sociais pelo Mundo - Perspetivas de Intervenção**

9:00 - Abertura do Secretariado

9:30 - Sessão de Abertura:

Edgar Bernardo (Presidente ISCE Douro)

Ricardo Martins (Administrador PEDAGO)

Rodrigo Lopes (Vereador com o Pelouro da Educação da Câmara Municipal de Penafiel)

Carlos Barbosa (Presidente da Junta de Freguesia de Penafiel)

Cátia Vaz (Coordenadora da Licenciatura em Educação Social do ISCE Douro)

### **Painel I**

Moderadora: Liliana Nunes

#### **Perspetivas de Intervenção no Rendimento Social de Inserção**

10:00-10.30 - Intervenção Socioeducativa do Educador Social: O caso do RSI - Dário Gomes, um Educador Social em Portugal

#### **Perspetivas de Intervenção na Deficiência**

10:30-11.00 - Educação Social na Deficiência: Somos o que fazemos - Raquel Antunes, uma Educadora Social em Portugal

11:00-11:15- Coffee-Break

### **Painel II**

Moderadores: Ana Raquel Aguiar e Carlos Silvestre

#### **Perspetivas de Intervenção na Escola**

11:15-11:45 - Educação Social Escolar na Alemanha: Qualificações, profissão e emprego - Carolina Veloso, uma Educadora Social na Alemanha

#### **Perspetivas de Intervenção com população refugiada**

11:45-12:15 - Quase 50 anos de exílio - Sensibilização através de redes sociais, fotografia e histórias de vida - Marta Romero, uma Educadora Social no Sáhara

12:15-12:45 - Apresentação de uma Ordem de Educadores Sociais - O exemplo do COLEXIO DE EDUCADORAS E EDUCADORES SOCIAIS DE GALICIA - CEESG - Deibe Fernández-Simo, membro do Conselho Diretivo do CEESG, Doutor em Educação Social e Professor de Educação Social na Universidade de Vigo

12:45 -13:00 - Debate

13:00-14:00 - Pausa para o almoço

---

14:00-14:15 - Momento Musical

### **Painel III**

Moderador: Alberto Rocha

#### **Perspetivas de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências (CAD)**

14:15-14:45 - A intervenção na área dos comportamentos aditivos: estratégias, sistemas e desafios a abraçar - Mara Silva, uma Educadora Social em Portugal

#### **Perspetivas de Intervenção em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens**

14:45-15:15 - O Trabalho do Educador Social nas Casas de Acolhimento com Crianças e Jovens em Perigo - Sandra Afonso, uma Educadora Social em Portugal

### **Painel IV**

Moderadora: Anna Leal

#### **Perspetivas de Intervenção com Etnias**

15:15-16:45 - A Comunidade Cigana de Ano Liosia (Grécia): Ações Sociais e Educacionais - Luciana Christoforidou, uma Educadora Social na Grécia

## **Perspetivas de Intervenção na Violência Doméstica**

15:45-16:15 - O Papel da Prevenção Primária com Crianças e Jovens em Contextos de Violência Doméstica - Helena Carvalho, uma Educadora Social em Portugal

16:15-16:30 - Coffee-Break

## **Painel V**

Moderadora: Mónica Cardoso

### **Perspetivas de Intervenção em “Casas de Repouso para Idosos”**

16:30-17:00 - As minhas emoções e percepções como educadora social na RSA - Ester Di Palo, uma Educadora Social em Itália

17:00-17.30 - A Educação Social no Passado e no Presente que mudança? - Rúben Amorim, um Educador Social em Portugal

## ÍNDICE

Índice .....	8
Intervenção Socioeducativa do Educador Social: O caso do RSI .....	9
Educação Social na Deficiência: Somos o que fazemos .....	10
Educação Social Escolar na Alemanha: Qualificações, profissão e emprego .....	12
Quase 50 anos de exílio - Sensibilização através de redes sociais, fotografia e histórias de vida .....	15
Apresentação de uma Ordem de Educadores Sociais - O exemplo do colexio de Educadoras e Educadores sociais de Galicia - CEESG .....	18
A intervenção na área dos comportamentos aditivos: estratégias, sistemas e desafios a abraçar .....	19
A Comunidade Cigana de Ano Liosia (Grécia): Ações Sociais e Educacionais .....	22
O Papel da Prevenção Primária com Crianças e Jovens em Contextos de Violência Doméstica .....	25
As minhas emoções e percepções como educadora social na RSA.....	27
A Educação Social no Passado e no Presente que mudança? .....	30



## **Intervenção Socioeducativa do Educador Social: O caso do RSI**

Dário Gomes, um Educador Social em Portugal

Email: dariogomes@aesct.pt

### **Resumo**

A intervenção socioeducativa deve ser sustentada numa relação de respeito mútuo em que o indivíduo, tanto é ator como sujeito na própria intervenção, sendo reconhecido como um cidadão pleno com direitos e deveres. Assim, o técnico de intervenção deverá desenvolver competências transversais que se tornarão fundamentais na capacidade de *empowerment* de cada sujeito ou família intervencionada. Atentando às famílias que usufruem de uma medida de rendimento social de inserção torna-se crucial perceber o conceito de famílias multidesafiadas e desconstruir mitos e estereótipos, percebendo que cada família é única na sua singularidade. No trabalho direto com as famílias, o educador social deve ser um fator inspirador da mudança, usando as suas competências para encontrar o talento e/ou a(s) potencialidade(s) de cada família e a partir daí desencadear uma série de processos de capacitação, nunca esquecendo, que o foco da intervenção não é o problema. O educador social, como agente impulsionador de mudança, deverá sempre alinhar a sua intervenção numa prática diária alinhada com as famílias, mas também com a sua equipa de trabalho, a instituição para a qual trabalha e a própria comunidade onde está inserido.

**Palavras chave:** Intervenção socioeducativa; Família; Educador Social; RSI

---

## **Educação Social na Deficiência: Somos o que fazemos**

Raquel Antunes, uma Educadora Social em Portugal

Email: rcpa649@gmail.com

### **Resumo**

Enquanto Educadora Social, na minha prática diária, tenho como principal missão apoiar e acompanhar a pessoa com deficiência e/ou incapacidade no seu processo de capacitação e autonomia, respeitando as suas escolhas e a sua individualidade. Na área em que desempenho funções, na área da deficiência, é extremamente importante apoiar e trabalhar as pessoas na luta pelos seus direitos, tornando-as mais conhecedoras dos mesmos, permitindo-lhes fazerem escolhas e tomar decisões sobre a sua vida. Na IPSS onde desempenho funções, Associação de Solidariedade Social de Lafões (ASSOL), todas as pessoas que apoiamos são trabalhadas para se fazerem valer dos seus direitos, para serem autodeterminadas e serem participativas nos seus contextos de vida. Para conseguir perspetivar que este seria o rumo certo, o contacto com a Pedagogia da Interdependência e Planeamento Centrado na Pessoa trouxe essa certeza e a necessidade de aprofundar conhecimentos nesta área e de divulgar a nossa prática junto de outras instituições. São estas metodologias que diferenciam os serviços prestados às pessoas que são apoiadas, permitindo valerem-se dos seus direitos e da sua autodeterminação para uma efetiva participação comunitária e familiar. A pedagogia da Interdependência baseia-se no reconhecimento da igualdade inerente a todas as pessoas humanas e no uso da não-violência. Procura conseguir que as pessoas se sintam seguras, amadas, envolvidas na vida comunitária e capazes de amar os outros. Exige o envolvimento das pessoas que com elas trabalham e o desenvolvimento de vínculos emocionais fortes que conduzam ao desenvolvimento da interdependência humana, do companheirismo e do sentido de comunidade. O Planeamento Centrado na Pessoa pressupõe que os apoios sejam estabelecidos em função dos sonhos e das necessidades de cada pessoa e sempre negociados com ela. O papel dos profissionais é apoiar a realização desses sonhos, sendo construtores de pontes que permitam à pessoa passar do lugar onde se encontra para o lugar que pretende alcançar no futuro. Todos os recursos da comunidade são mobilizados para alcançar a realização dos sonhos. Para na prática,

a pessoa poder expressar os seus sonhos; fazer escolhas; participar na definição do seu percurso individual; participar na solução dos seus problemas; aprender nos contextos - aprender fazendo; usufruir da rede social; ter controlo sobre os acontecimentos da sua vida. As atividades realizadas em contexto de Centro de Atividades Ocupacionais (CAO), são o meio para um propósito muito claro, trabalhar a autonomia, a participação e a valorização da pessoa. As atividades realizadas são um meio para atingir um fim. Enquanto profissional da área social cabe-me apoiar e acompanhar a pessoa no seu processo de capacitação e autonomia; promover competências pessoais e sociais; facilitar a participação através da dinamização de dinâmicas de grupo e de atividades lúdicas; facilitar a interação social através de atividades na comunidade; adaptar as atividades a um estilo de aprendizagem dinâmico e participativo; apoiar e acompanhar, de forma individualizada, respeitando a tomada de decisão da pessoa, o cuidado e manutenção da sua saúde; ajudar que as pessoas com deficiência criem espaço nas suas vidas para a participação e relacionamentos na comunidade; e participar/partilhar com a equipa multidisciplinar. Assim, o meu papel define-se por capacitar as pessoas com deficiência e/ou incapacidade, tendo por base ambas as metodologias, para serem autónomas, autodeterminadas e participativas.

**Palavras-Chave:** Educação Social, Participação, Autodeterminação, Pedagogia da Interdependência e Planeamento Centrado na Pessoa.

---

## Educación Social Escolar na Alemaña: Cualificacións, profesión e emprego

Carolina Veloso, una Educadora Social na Alemaña

Email: cborges@uvigo.gal

### Resumen:

En Alemaña, como sucedeu en España, tras a Declaración de Bolonia no 1999 e a creación do *Espazo Europeo de Educación Superior*, polo que se reformulou o sistema universitario co obxectivo de facilitar o intercambio de titulados e adaptar o contido dos estudos universitarios ás demandas sociais e a creación dos créditos ECTS, discutiuse sobre o futuro de Tráballo e Educación Social. Pero no país teutón, a diferenza de España, as teorías da confluencia impuxéronse e Tráballo Social (*Sozialarbeit*) e Educación Social (*Sozialpädagogik*) pasaron a unirse nunha única titulación: Sozial Arbeit, que no noso idioma literalmente traduciríase como Tráballo Social. A modo de síntese, podemos sinalar que o Tráballo Social (*Sozialarbeit*) ten a súa orixe e promoción dentro das políticas sociais, enfocada ó benestar das persoas, con unha orientación psicosocial de axuda e fundamentada no dereito, na medicina e na psicoloxía; e a Educación Social (*Sozialpädagogik*) ten a súa orixe e fundamento na política educativa, na educación e socialización da infancia primeiro e posteriormente da xuventude. Chegouse a unha situación na que convivían 3 actitudes sobre a *Sozialarbeit* e a *Sozialpädagogik*: empregalas como sinónimos, como profesións diferentes ou como converxentes. Na actualidade podemos concluir que, tras a unificación da formación universitaria e a profesión (o redor de 2007), os dous campos converxeron e evolucionaron conxuntamente e que, polo tanto, hoxe en día as prácticas socioeducativas e os profesionais aparecen recollidos dentro da *Sozial Arbeit*, aínda que nalgúns documentos, Länder, etc. síganse empregando e diferenciando os dous termos. A titulación de Sozial Arbeit, estúdase seis semestres principalmente nas *Fachhochschule* (Universidades de ciencias aplicadas), namentres que os estudos de maxisterio e pedagogía se cursan nas *Universität*, enfocadas á investigación. Para poder traballar en Alemaña en institucións privadas ou do terceiro sector, non é obrigatorio homologar a titulación, pero si é imprescindible para traballar no sector público como profesional da Sozial Arbeit. A lei de Recoñecemento de Profesións Sociais (*Sozialberufe-Anerkennungsgesetz* -

SobAG) indica os seguintes requirimentos: que a formación teña un mínimo de 6 semestres ou 180 ECTS; que conteña un practicum de mínimo 100 horas guiado e con unha reflexión teórica; que cumpra co Marco de Cualificacións do Traballo Social; e coñecementos acreditados dos ámbitos xurídicos alemáns e competencias administrativas. Os campos profesionais e prácticos son diversos. Inclúen, entre outros, a infancia e a xuventude, asesoramento social, axuda a persoas con discapacidade, mulleres, integración laboral, traballo comunitario, educación cultural e lúdica, resocialización, migración, e traballo social escolar, entre outros. Ademais, a práctica da Sozial Arbeit está desenvolvéndose en outros sectores como o privado e aparece en formas organizativas distintas como o autoemprego. A Deutsche Berufsverband für Soziale Arbeit (DBSH) (Asociación Profesional de Traballo Social - DBSH) é unha corporación recoñecida tanto en Alemaña como a nivel internacional que agrupa a traballadores/as sociais de Alemaña para tratar asuntos referentes o exercicio da profesión e representalos no ámbito laboral. A DBSH actúa como un sindicato para os seus membros, agrupando a aproximadamente 6000 profesionais, entre os que se inclúen traballadores/as sociais, pedagogos sociais, educadores e terapeutas. Podemos colixir que tanto a formación como a profesión conta con uns fundamentos tanto epistemolóxicos como competencias moi similares aos de España, e a maior diferenza radica en contemplar o coñecemento e as competencias en materia de leis e prestacións sociais como unha ferramenta troncal da profesión, como consecuencia da converxencia con Traballo Social. O mercado laboral evolucionou moi positivamente para a Sozial Arbeit nos últimos anos, posto que aumentou de forma elevada, aínda que os postos de traballo soen ser de carácter temporal e a tempo parcial. Os factores que contribuíron a boa evolución do mercado laboral no sector social foron o cambio demográfico, que provoca que sexa necesaria unha maior atención social e de asesoramento ás persoas maiores, a ampliación das gardarías (os famosos *Kindergarten*), o traballo social escolar e as *Ganztagschule*, ou escolas de xornada completa. Desde o segundo semestre de 2015, a migración de refuxiados aumentou a necesidade de atención e apoio educativo. En 2020, a taxa de desemprego aumentou debido a crise da Covid, pero en 2021 volveu a descender. Para os próximos anos, prevese un aumento do número de contratacións, amais de que o número de estudantes de Sozial Arbeit

incrementouse considerablemente dende 2008. É un campo de traballo que se está estendendo en Alemaña. Habitualmente se vincula coas *Haupt-* e *Realschule*, onde a conflitividade é maior, pero tamén se están introducindo de forma pioneira no *Gymnasium*, como en Renania do Norte Westfalia. Os profesionais da ESE se dedican a apoiar ó alumando no seu desenvolvemento escolar, persoal, familiar, etc. dende distintas actividades dende a institución escolar. As características das actividades varían en función do *Länder* pero soen caracterizarse por accións de apoio individual e familiar, e nos últimos tempos está cobrando forza traballar a nivel grupo-clase para reforzar as competencias sociais e traballar coa aula contidos socioeducativos. É un posto de traballo quen se vai expandindo, pero que se caracteriza por xornadas parciais e pouca estabilidade dos proxectos, especialmente os postos que dependen das entidades do terceiro sector.

**Palabras-clave:** Educación Social; Emprego; Formación; Homologación da titulación; Profesión.

---

## **Quase 50 anos de exílio - Sensibilização através de redes sociais, fotografia e histórias de vida**

Marta Romero, uma Educadora Social no Sáhara

Email: [unaeducadoraenelsahara@gmail.com](mailto:unaeducadoraenelsahara@gmail.com)

### **Resumen:**

En la conferencia de Berlín, en 1884. Europa se reparte África. España se queda con lo que hoy llamamos Sáhara Occidental, pasando a ser una colonia española. En los años 50 la ONU presiona a España para descolonizar este territorio. Para evadirlo, el Sáhara Occidental se convierte en la provincia número 53 de España por lo que la población nativa pasa a ser española, con su correspondiente DNI. En los años 70 los saharauis empiezan a reivindicar su territorio y España empieza a negociar su independencia. En 1973 se forma el Frente Polisario, Frente Popular de Liberación de Saguia el Hamra y Río de Oro. Aprovechando la descolonización de África, Hassan II reclama el territorio como parte de Marruecos. La Corte del Tribunal de Haya llegó a la conclusión de que los elementos e informaciones puestos a su disposición no demostraban la existencia de ningún vínculo de soberanía territorial entre el territorio del Sáhara Occidental y el Reino de Marruecos. El 14 de noviembre de 1975 se firma en Madrid el Acuerdo tripartito, por el que España cede a Marruecos y Mauritania la administración del territorio. Acuerdo que nunca se publicó en el Boletín Oficial del Estado, por lo que no tiene ninguna validez legal. Mientras tanto, Marruecos ya había empezado la Marcha Verde, donde unas 350.000 personas civiles avanzaban para recuperar lo que consideraban su territorio, aunque, en realidad, poco antes pasaron 25.000 soldados marroquíes arrasando con todo, dando comienzo a la guerra entre el Polisario, Marruecos y Mauritania. El 27 de febrero de 1976 se proclama la RASD, República Árabe Saharaui Democrática. La población saharauí se vio obligada a huir a Tindouf, en Argelia. Durante la huida, Marruecos atacó campamentos de civiles con napalm y fósforo blanco. Fue un intento de exterminar al pueblo saharauí. Mauritania se retira de la guerra en 1979. En los años 80 Marruecos construye un muro de 2720 kilómetros de largo, dividiendo el Sáhara entre la parte ocupada por Marruecos y la parte libre, administrada por el Polisario. En 1991 se firma el Plan de Paz elaborado por la ONU, con la condición de que el pueblo saharauí pudiera realizar un referéndum de

autodeterminación que nunca se llegó a cumplir, ya que Marruecos no lo ha permitido. El 13 de noviembre de 2020 Marruecos rompe el alto al fuego, atacando a civiles saharauis en el Guergerat, donde llevaban 15 días bloqueando y denunciando este paso fronterizo ilegal, no estipulado en el acuerdo de paz, y por el que saca la mercancía robada por el expolio de los recursos naturales del Sáhara Occidental. En marzo de 2022, Pedro Sánchez reconoce unilateralmente la soberanía de Marruecos sobre este territorio, cambiando la postura de España respecto al conflicto, contradiciendo la legalidad y lo establecido por la ONU. A día de hoy España, según el Derecho Internacional, sigue siendo la potencia administradora del Sáhara Occidental, como reconoce la ONU. Llegué al Sáhara gracias a un voluntariado, coordinando un campo de voluntariado juvenil en los campamentos de población refugiada de Tindouf en Argelia. Cuando terminábamos de hacer las actividades programadas, mi compañero de la contraparte nos hacía el té y nos hablaba de cómo veía él la situación y nos contaba historias de su vida. Ahí surgió la idea del proyecto “Miradas desde el Sáhara”, donde cuento historias de vida de personas saharauis a través de una fotografía en la que se puede ver lo especiales que son sus ojos. Mientras tanto, me iban surgiendo otras ideas de proyectos. Después de varios viajes me cansé de coordinar campos de voluntariado, en ellos ves como se comporta la gente, que en realidad se lo toma como unas vacaciones, y solo les interesa subir fotos con niños y niñas africanas, para dar una imagen de buenas personas en redes sociales, que van para conseguir un certificado de la experiencia para acceder a un Master, sacar fotos para venderlas, sin explicarles a las personas fotografiadas qué se va a hacer con su imagen, lejos de ser utilizadas para ayudarles. Cuando empezó la segunda guerra del Sáhara sentía que no podía esperar más, así que animada por un amigo educador social, empecé a preparar todos los aspectos del proyecto antes de darle difusión, y el 27 de febrero de 2021 publiqué la primera historia. Aquí me di cuenta de cómo las educadoras sociales estamos en continua formación, aunque sea autodidacta. Tuve que aprender a utilizar Facebook e Instagram, que son las plataformas que utilizo para sensibilizar sobre la causa saharai. Quise englobar estos proyectos bajo el nombre de "Una educadora en el Sáhara", de esta manera daba visibilidad también a la educación social. Al tratarse de un proyecto personal, lo veo como una manera



de experimentar sobre las intuiciones que tenemos las educadoras sociales a la hora de pensar cómo ejecutar proyectos, cosa que sería imposible en un trabajo remunerado, ya que estamos limitadas por las personas que están laboralmente por encima de nosotras o porque no hay financiación adecuada para llevar a cabo este tipo de proyectos. También me parece importante dar a conocer un conflicto olvidado y que no tiene sentido que la mayoría de las personas que han estudiado educación social en España no lo conozcan, pese a formar parte de la historia de nuestro país. Cuando trabajas con otras culturas te das cuenta de la importancia de conocer bien esa cultura, para elaborar acciones que sean coherentes y efectivas, y por supuesto sin falta al respeto de estas personas, cosa que por desgracia se ve más a menudo de lo que parece en el ámbito de lo social. En este momento, sigo buscando historias de saharauis para darlas a conocer y doy difusión a cualquier evento relacionado con la causa saharauí a nivel mundial. Conforme he ido utilizando las redes sociales, me he dado cuenta de lo importante que es ofrecer buenas imágenes para llamar la atención de las personas que utilizan estas redes, por lo que ahora estoy estudiando una FP de fotografía y video. Estoy indagando sobre cómo utilizarlos como herramienta educativa, tanto para sensibilizar a través de redes sociales, como también un método para que personas que viven una difícil situación puedan expresarse de una forma diferente. Además, de esta forma puedo ampliar el público objetivo a personas interesadas en el arte, en este caso las artes vinculadas a la imagen, como es la fotografía y el video. Aunque sea un proyecto personal, doy mucha importancia a trabajar con otras personas o entidades. Ahora estoy preparando una exposición con la colaboración de una asociación valenciana de ayuda al pueblo saharauí, que incluirá las fotografías del proyecto "Miradas desde el Sáhara" y una charla sobre la situación actual del conflicto, utilizando técnicas de dinámica de grupos.

**Palabras-clave:** Educación Social, Descolonización, Sáhara Occidental, Frente Polisario, Reparto de África, Referéndum, ONU, Historias Saharauis, Proyecto "Miradas desde el Sáhara).

---

## **Apresentação de uma Ordem de Educadores Sociais - O exemplo do Colexio de educadoras e educadores sociais de Galicia - CEESG**

Deibe Fernández-Simo, membro do Conselho Diretivo do CEESG, Doutor em Educação Social e Professor de Educação Social na Universidade de Vigo

Ordem dos Educadores Sociais de Galicia (Espanha)

Email: ceesg@ceesg.gal

### **Resumo**

O Colexio (ordem profissional) de Educadoras e Educadores Sociais de Galicia (CEESG) é uma instituição profissional que representa e regula a atividade dos educadores sociais na região da Galiza, Espanha. Tem como principal objetivo a promoção da qualidade e do desenvolvimento da profissão do Educador Social, assegurando a ética e a competência profissional. O CEESG atua como um órgão regulador para os educadores sociais, estabelecendo diretrizes e critérios de qualificação profissional, além de supervisionar e controlar o exercício da profissão. Promove a formação contínua e o intercâmbio de conhecimentos entre os profissionais, tendo o enfoque no seu progresso e atualização das práticas educativas. Como principais funções do CEESG destacam-se: 1. Regulamentação da profissão: estabelece os requisitos e critérios para a qualificação dos educadores sociais, bem como das normas éticas e deontológicas a serem seguidas; 2. Registo profissional: mantém um registo de educadores sociais acreditados, garantindo a idoneidade e a competência dos profissionais que exercem a profissão; 3. Formação e qualificação profissional: promove a formação contínua dos educadores sociais, oferecendo cursos, workshops e outras atividades de capacitação para atualização dos conhecimentos e desenvolvimento de competências necessários ao exercício da profissão; 4. Representação e defesa dos interesses profissionais: o CEESG representa os educadores sociais perante as autoridades e instituições governamentais, defendendo seus interesses e direitos. 5. Divulgação e investigação: promove a divulgação de boas práticas e investigações na área da educação social, contribuindo para o avanço e reconhecimento da profissão.

**Palavras-Chave:** Ordem dos Educadores Sociais; Objetivos; Funções.

## **A intervenção na área dos comportamentos aditivos: estratégias, sistemas e desafios a abraçar**

Mara Silva, uma Educadora Social em Portugal

Email: mara.silva.prof@gmail.com

### **Resumo**

Apesar do aumento da presença dos Educadores Sociais em serviços de intervenção na área dos comportamentos aditivos, a divulgação e a realização de publicações sobre este tema tem sido escassa. No entanto, a partilha de experiências profissionais e a divulgação científica de estratégias socioeducativas que apresentem bons resultados é crucial para o desenvolvimento da prática e do reconhecimento do Educador Social. Com o objetivo de contribuir para este acervo, este trabalho pretende promover a compreensão da intervenção socioeducativa no contexto desafiante da área dos comportamentos aditivos. As adições traduzem-se numa compulsão e obsessão face a uma substância ou objeto, em que estes e tudo o que lhes respeita passa a ser o centro em que gira o quotidiano da pessoa, num processo disruptivo da vida individual e coletiva. O contexto sociocultural e as tradições também influenciam os processos de adições. Apesar de existirem usos menos problemáticos, a dependência do álcool ou de outras drogas, como a heroína, são bastante danosas para a vida do sujeito. Geralmente, são aqueles que apresentam este tipo de consumos mais problemáticos que entram nos sistemas de apoio formais existentes. Em Portugal, estes são maioritariamente promovidos pelo setor público e incluem serviços de prevenção; tratamento; reinserção; dissuasão; e redução de riscos e minimização de danos. Estes serviços são frequentemente alocados a organizações privadas do setor social, onde a integração profissional dos Educadores Sociais tem crescido. Mas que estratégias socioeducativas se têm utilizado no trabalho com os consumidores com adições problemáticas que se encontram, frequentemente e paralelamente, em situação de exclusão social? A Educação Social deve prover uma perspetiva sistémica, holística, integrativa e emancipadora na intervenção com estes sujeitos. Algumas das estratégias socioeducativas que se têm utilizado passam por uma cuidadosa análise e compreensão da realidade, individual e sociocomunitária; pela resposta a necessidades humanas prioritárias, como as de alimentação e de alojamento; pelo empoderamento e o desenvolvimento da

capacidade de participação e de transformação da trajetória de vida; pelo envolvimento dos sistemas de apoio formais e informais; pela aceitação e pela redução de riscos e minimização de danos. Ou seja, o Educador Social deve, com o sujeito, promover o reconhecimento de necessidades específicas e o delineamento de objetivos, com ações concretas a encetar pelo próprio. Tendo em conta as suas capacidades e limitações, este pode ser um processo moroso, com avanços e retrocessos. O envolvimento da família ou de pessoas significativas é crucial, bem como o recurso aos serviços formais de apoio, como organizações sociais que permitam a supressão, numa primeira fase, de necessidades básicas imediatas. Porém, o projeto de vida deve passar pela autonomização do sujeito. Para este fim e, tendo em conta os longos anos de perdas e de exclusão em que alguns indivíduos se encontram, é necessário promover o desenvolvimento de algumas competências. Por exemplo, a capacidade de reflexão e de expressão; o delineamento de objetivos para o médio e longo prazo e não apenas para o imediato; a assunção de responsabilidades e papéis diferenciados; a valorização da saúde; ou a melhoria da autoestima. O trabalho do Educador Social é sistémico e abrange diferentes sistemas. No seio da família, é necessário lidar com o cansaço e com a frustração, potenciando as forças do sistema familiar, mas promovendo, em paralelo, os limites e proteções individuais. No seio da comunidade é necessário trabalhar e diminuir o estigma e a discriminação, e tentar diminuir práticas contraditórias como, por exemplo, o pagamento de trabalho informal com “vinho” a que se assiste ainda nos meios mais rurais. Porém, atualmente, os principais desafios dos Educadores Sociais que intervêm na área dos comportamentos aditivos surgem no seio do sistema socioprofissional e do sistema legislativo. No contexto socioprofissional, os Educadores Sociais têm integrado equipas multidisciplinares que abarcam outros profissionais com quem partilham o campo de intervenção social, como os Psicólogos ou os Assistentes Sociais. Ora, os Educadores Sociais têm ainda um longo caminho a percorrer no que concerne à reclamação do seu “espaço” de atuação. Para isso, devem mobilizar e aplicar de modo mais confiante as estratégias socioeducativas específicas do seu saber fazer. No contexto legislativo, os Educadores Sociais devem desenvolver a sua capacidade de *advocacy* e de pressão para promover a melhoria contínua das respostas dadas à problemática dos comportamentos aditivos. Quer

através da criação de serviços diferenciados que se adequem melhor às necessidades, como, por exemplo, serviços de acompanhamento intensivo (mesmo quando não se tratem de respostas residenciais), quer através da reivindicação de uma melhor cobertura territorial dos serviços. Por último, é importante continuar a emancipar e empoderar o ator coletivo que são os Educadores Sociais, apostando em publicações diferenciadas que contribuam para o enriquecimento e solidez socioprofissional dos Educadores Sociais. Estes profissionais podem dar um importante contributo na resposta aos desafios sociais multidimensionais, como é o caso do fenómeno dos comportamentos aditivos.

**Palavras-chave:** Educação Social; Substâncias psicoativas; Álcool.

---

## **A Comunidade Cigana de Ano Liosia (Grécia): Ações Sociais e Educacionais**

Luciana Christoforidou, uma Educadora Social na Grécia

Email: luciana.moises.oliveira@gmail.com

### **Resumo**

Para se promover uma ação social a intenção relacional deve ser proveniente de uma necessidade (ou necessidades) gerada (s) por situações desfavoráveis. Neste sentido as ações sociais organizadas e estruturadas terão como objetivo mudar realidades através de intervenções específicas de modo a transformar o contexto social. Estas ações são importantes porque as iniciativas podem influenciar positivamente a trajetória de vida das pessoas, pois através das mesmas é possível atuar em causas importantes, que necessitam do envolvimento de diferentes agentes e ainda porque as ações permitem a integração na sociedade e participação cívica. Para criar uma ação social é necessário proceder a uma avaliação do contexto no qual se executa a ação, fazer o levantamento dos problemas que a ação social pode resolver; quais são as causas a considerar e quais são os intervenientes. Posto isto, será necessário proceder a um planeamento e desenvolvimento de um projeto e para tal será necessário proceder também à avaliação de recursos humanos e materiais. As Ações Educativas de sucesso, enfatizam como fatores chave a interação e o envolvimento da comunidade, desenvolvem-se através de uma abordagem dialógica de ensino-aprendizagem, orientada para a transformação do contexto, partindo de expectativas pessoais, criando significado e impulsionando a participação das famílias e da comunidade pela melhoria da coesão social. Nesta linha de análise é importante a valorização da participação da comunidade nas atividades, ou seja, identificar os fatores que influenciam as ações educacionais e construir coletivamente com os profissionais e participantes propostas de estratégias educacionais que estimulem a participação ativa e contribuam para a autonomia e empoderamento. Fazer uma reflexão crítica sobre as causas que interferem nas ações educacionais e as propostas de estratégias estimuladoras de mudanças e do desenvolvimento das práticas educacionais na dimensão do diálogo serão pontos também a considerar. Relativamente ao povo cigano é um dos maiores grupos étnicos minoritários da Grécia, cujo número oficial varia bastante. A Grécia,

LL

oficialmente, tem uma população cigana de 300.000. Contudo, o número exato é difícil de estimar, pois muitos deles não estão registados e, portanto, não existem dados estatísticos precisos. Na Grécia, há a prevalência do grupo Rom (presente maioritariamente na Europa centro-oriental). Por exemplo, em Portugal, são do grupo Gitano (ibéricos). O tipo de habitação característica da comunidade cigana de Ano Liosia é a barraca de bairros de lata, onde não têm condições básicas de vida. Caracteriza-se sobretudo pela situação de exclusão social, acesso inadequado à educação, habitação e aos serviços de saúde. Uma questão muito importante para a comunidade de Ano Liosia é o direito às condições básicas de habitação, acesso à educação, e oportunidades de emprego. Com esta comunidade a educação deve ser um fator de integração social, que potencie a transformação social, tendo como ponto de partida combater a exclusão educacional dos alunos ciganos. A exclusão pode ser classificada com exclusão ativa das crianças ciganas, quer através da mobilização vigorosa da comunidade local, com violência, ou mais frequentemente com ameaças, quer através de meios administrativos ou a exclusão passiva das crianças ciganas na sala de aula da escola, pela simples aceitação da sua presença e da sua marginalização. As políticas educacionais, no contexto grego, defendem duas formas de intervenção, uma baseada na educação formal, onde a exclusão educacional deve ser tratada através da discriminação positiva para que as crianças ciganas possam ser integradas nas escolas, a segunda reivindica uma política educacional que adapte a inserção escolar à cultura cigana, respondendo às suas necessidades particulares. A primeira centra-se na implementação escolar obrigatória para todos os cidadãos e todas as crianças, sem exclusões e discriminações, demarcando a integração na rede escrita de comunicação e aprendizagem. A principal medida que tem sido tomada para a concretização desta política é a remuneração de um subsídio às famílias ciganas que enviem os seus filhos para a escola. A segunda centra-se na aceitação e respeito, ou na aceitação da singularidade e da cultura cigana, como por exemplo, através de aulas paralelas e alfabetização extracurricular, adaptadas ao modo de vida tradicional da etnia cigana e tudo o que isso implica (mudanças frequentes). Como Educadora Social tenho potenciado junto desta comunidade no âmbito do Centro Educacional um projeto de prevenção: serviço de educação pré-escolar (crianças de 3 a 5 anos). A primeira fase

da educação básica no processo de educação ao longo da vida; ações educativas da família, no qual foi estabelecida uma cooperação, para favorecer a formação e o desenvolvimento equilibrado das crianças; relação entre as famílias ciganas e as escolas, com o objetivo de facilitar a progressão bem-sucedida das crianças nas escolas públicas; Centro de Atividade de Tempos Livres: extraescolar; desenvolvimento de competências pessoais e sociais; valorização do lúdico, da recreação e do lazer e formação em Alfabetização de Pessoas Adultas. No âmbito do Centro Comunitário tenho desenvolvido cursos de aprendizagem (para desenvolver competências sociais e profissionais) e de formação sociocultural que visa a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos, aptidões e atitudes para a capacitação dos jovens e adultos; Programas de Intervenção com adolescentes em risco (prevenção da violência e delinquência juvenil); Programas de artes e criatividade (conto de histórias - storytelling) e projetos de desenvolvimento comunitário (melhoria de condições de habitação). Estas ações têm como objetivos: o desenvolvimento e a promoção da qualidade de vida da comunidade cigana de Ano Liosia; mobilização de estratégias que permitam quebrar o ciclo vicioso do estigma e discriminação social, tendo em vista a inserção social de indivíduos como seres autónomos, livres e solidários.

**Palavras-Chave:** Ação social; Ação educacional; Comunidade cigana de ano liosia; Educação Social.

---



## O Papel da Prevenção Primária com Crianças e Jovens em Contextos de Violência Doméstica

Helena M. Carvalho, uma Educadora Social em Portugal

Email: [helenamariascarvalho@gmail.com](mailto:helenamariascarvalho@gmail.com) | [helena.carvalho@iscedouro.pt](mailto:helena.carvalho@iscedouro.pt)

### Resumo

O fenómeno de violência faz parte da história da família patriarcal em vários tipos de sociedade onde noutros tempos, existiam casos de violência exercidos sobre as crianças e mulheres ou até mesmo contra outros membros da família, e que, durante séculos, era tida como um ato natural e não problemático. Felizmente, as sociedades e as mentalidades mudaram, a violência, enquanto violência, continua a mesma, sendo que a sociedade é outra e a evolução da tecnologia em conjunto com os meios de comunicação divulgam e fazem chegar mais facilmente o tema violência junto da comunidade. A violência doméstica (VD) encontra-se definida no código penal (CP) português, como a prática de maus tratos físicos ou psíquicos, referentes ao cônjuge ou ex-cônjuge, assim como nos casos em que o agente mantenha, ou tenha mantido, uma relação de namoro. É crime público, conforme previsto no art.152º do CP, o que tem permitido os avanços a que temos assistido nos últimos anos. Nomeadamente ao nível das estruturas de atendimento e acompanhamento à vítima, assim como ao nível de formação das equipas técnicas que as compõem e na formação dos Órgãos de Polícia Criminal (OPC). Este investimento tem resultado num maior reconhecimento das situações de maus-tratos cometidos em contextos de VD, havendo um aumento de denúncias e de intervenção por parte dos diferentes serviços e entidades. A aposta nas respostas relacionadas com a VD têm como objetivo, no imediato, a eliminação da situação de maus-tratos ocorridos em contextos de VD, assim como a prevenção deste tipo de crime. Pelo que ao longo dos anos se têm realizado diferentes ações por todo o país, para diferentes públicos. Contudo, é fundamental perceber que não é porque se elimina o comportamento da VD, que este e outros problemas sejam totalmente eliminados. Os fenómenos da VD e a forma de vida em torno do contexto numa família, vai muito além do ato violento, independentemente da tipologia praticada, pelo que é necessário que cada contexto seja analisado individualmente, considerando as diferentes perspetivas influenciadoras da(s) vítima(s). Portanto, mesmo após a interrupção do ciclo de

violência, há outros desafios a considerar, sobretudo se são contextos em que residam pessoas vulneráveis, como crianças ou jovens. Nesse sentido, realizou-se o presente estudo a todos os alunos e alunas a frequentar o 9º ano de escolaridade, no ano letivo de 2022/2023, do Agrupamento de Escolas de Celorico de Basto[1], que teve como objetivo analisar a perceção dos alunos e alunas sobre a VD. Para o efeito, optamos pela metodologia quantitativa, com recurso ao inquérito por questionário, por permitir uma recolha de informação sobre um conjunto limitado e previamente definido de dimensões de análise. Conforme veio a acontecer, uma vez que foi aplicado num auditório, com tempo controlado, por forma a evitar a troca de ideias entre os diferentes participantes. Este estudo foi levado a cabo previamente a uma ação de sensibilização e informação sobre VD e a violência no namoro. Estas ações visam esclarecer os jovens sobre esta problemática, assim como informar sobre as respostas existentes para que possam pedir ajuda, se assim desejarem, de forma livre e esclarecida. Paralelamente, pretende-se intervir junto de crianças e jovens que tenham sido, ou sejam, vítimas no seu meio intrafamiliar. A violência intrafamiliar afeta a prestação de cuidados, devido à inversão das prioridades, uma vez que os pais ou cuidadores, tendem a focar-se em si mesmos. Neste estudo, participaram 139 alunos, com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos de idade. Foi possível verificar que a maior parte dos participantes perceciona a violência doméstica como agressão física, ameaças, abusos sexuais ou insultos. Assim como que as causas que mais consideram motivar esta prática são o consumo excessivo de álcool e drogas, e os ciúmes. Do total dos participantes, 41 assumiu conhecer alguém que é, ou já foi, vítima de VD. No entanto, numa das questões pediu-se que assinalassem entre que pessoas os maus tratos teriam acontecido, ou acontecem, sendo que apenas uma pessoa assinalou uma opção (namorado-namorada). De referir que 133 dos participantes referiu considerar este tipo de ações de sensibilização/informação importantes.

**Palavras-Chave:** Violência Doméstica; Mudança social; Sensibilização; Prevenção e Intervenção.

[1] Foi realizado o pedido de autorização prévio aos pais e/ou encarregados de educação.

## **As minhas emoções e percepções como educadora social na RSA - Casas de Repouso para Idosos**

Ester Di Palo, uma Educadora Social em Itália

Email: ester.dipalo@libero.it

### **Resumo**

Acreditando no meu trabalho, tal como o fazem todos os Educadores, em qualquer ambiente onde tenha plantado as minhas raízes como profissional, o meu empenho tem sido tão real que preferia que a área do desconforto fosse mais ouvida. O trabalho de educador permite um empenhamento constante em que, na maioria das vezes, se dá por si a avaliar a proporção entre o dever laboral e a carga contratual, razão pela qual muitas pessoas mudam de emprego. Antes de contar a minha experiência na Casa de Repouso para Idosos, vou mencionar a minha formação em ABA e DSA. Para aqueles que não estão familiarizados com o MÉTODO ABA: (análise comportamental aplicada). A ABA é a ciência que descreve as relações entre o comportamento e os acontecimentos que o influenciam. Consiste na aplicação e no ensino de competências adaptativas (linguagem, jogo, comunicação, socialização, autonomia pessoal, competências, entre outros.) e na correção de comportamentos problemáticos (autoestimulação, agressividade, automutilação, obsessões, entre outros.). O seu objetivo é reduzir os comportamentos disfuncionais e promover os comportamentos adequados. Amando o meu papel de educadora, passei um curto período na RSA, para além de um curso de formação chamado "VALIDAÇÃO DO MÉTODO" proposto pela CASA EDITRICE DAPERO, em Piacenza. A função que desempenhei na RSA foi organizada num contrato a tempo parcial com um alojamento de quase 1:100. A equipa era constituída por figuras especializadas: - 1 Psicólogo - 1 Educador Social - Enfermeiros - OSS - Fisioterapeutas - voluntário para a musicoterapia - Pároco para a missa semanal - pessoal administrativo - lavandaria - cozinha - trabalhadores - apoio psicológico aos trabalhadores e familiares. O trabalho foi estimulante e cheio de iniciativas com atividades estruturadas com referência a recursos e materiais. A planificação semanal incluía a reunião de equipa com o pessoal, as reuniões para ver e aprovar o PIA (plano individual de cuidados) e eventuais reuniões urgentes. O trabalho era monitorizado por um sistema

informático onde são armazenados os registos médicos do hóspede e o progresso diário, permitindo assim a rastreabilidade de quaisquer movimentos e a sua atualização por todos os trabalhadores. Neste contexto implementei e pratiquei o que pude planear, apesar das poucas horas e do tempo que podia dedicar ao hóspede, uma vez que o meu horário de trabalho também estava distribuído pelas horas em que o hóspede estava ocupado, pelo que, por vezes, não coincidia com uma reunião como eu preferia, por vezes até interrompida. Calculando que o hóspede tem horas muito cedo em comparação connosco, como a hora das refeições e a hora de deitar. Dediquei o meu tempo a hóspedes acamados, que também estavam isolados devido à falta de tempo. Estructurei o trabalho individual com uma senhora acamada com uma sonda de alimentação (alimentação forçada) e com botões para que ela não pudesse retirar a sonda à mão. Isto porque ela foi colocada na RSA para se soltar, pelo que quis oferecer o meu tempo. Eu começava a atividade de cerca de 30 minutos com a orientação para a realidade, olhando para um calendário que lhe mostrava o dia e o ano em curso, marcando-o com um lápis, colorindo, rabiscando num caderno e usando as mãos com as quais ela podia escolher as cores sozinha, com música de fundo, lendo livros em que ela só respondia com os olhos e o olhar (atividades como as crianças na infância, só para se aproximar e poder modificá-lo in itinere). Por vezes, ficava intrigada com a sua tenacidade e com a minha determinação em continuar para poder dedicar-lhe momentos da minha vida. Ainda hoje nos mantemos em contacto através de videochamadas, apesar de ela não verbalizar. No silêncio, estava a avaliar como o meu empenho e o meu tempo naquela área eram precisamente adequados ao bem-estar do idoso para não o isolar, mas senti que o sistema tinha outras prioridades, além de que não fazia e não faz parte dos meus interesses. Para mim eram momentos vazios, para serem preenchidos com eles, a urgência de partilhar a minha vida e as minhas competências considerando também a sua condição de ter e de poder realizar-se nos últimos anos da sua existência. Com as dificuldades que senti e trabalhando em condições de stress foi apenas para atingir um objetivo pessoal. O idoso é uma pessoa delicada e sensível, com a sua fragilidade não se pode sustentar a duração de um trabalho que eu estava a planear, mesmo que, para o propor, tivesse de me estimular primeiro. Não se pode pôr em prática tudo se todos os dias se constata a fragilidade e o

sofrimento de um hóspede. Em algumas ocasiões, à minha chegada, notava uma nota de tristeza se o hóspede fosse obrigado a ficar na cama por necessidades físicas e intestinais ditadas pelo médico. Então eu tentava encontrar estratégias para também ficar no quarto e como significado de troca afetiva. Desta forma, reciprocamente, elevava-se a energia, a autoestima e as emoções. Durante as conversas, foi sublinhada a importância da escuta, os convidados contaram as suas vidas com momentos de alegria, tristeza, histórias da vida passada e presente, por vezes até planeando um futuro fora da RSA. A RSA deve ser um lugar amigo dos idosos, caracterizado por uma abordagem dos cuidados que não seja apenas médico-assistencial, mas que tenha em conta o bem-estar global do residente e não negligencie a qualidade das relações humanas estabelecidas no seu seio. Esta Casa de Repouso para Idosos, era adotada uma abordagem cuidadosa e delicada para não ofender a sensibilidade do residente, para cuidar individualmente e não considerar o residente como uma quantidade.

**Palavras-chave:** Casas de repouso para idosos; Emoções e percepções; Educação social.

---

## **A Educação Social no Passado e no Presente que mudança?**

Rúben Amorim, um Educador Social em Portugal

Email: amorimruben@gmail.com

### **Resumo**

Ao iniciar uma reflexão sobre o papel do Educador Social, relacionado com o passado e o presente, não poderia deixar de me questionar sobre o se serei a pessoa indicada para abordar o início do passado. Certamente que não, pois o início deste fantástico percurso foi iniciado por tantos e por tantas outras colegas. Não obstante, deixo aqui o mote para se refletir sobre o passado onde a aventura da educação social se iniciou, na década de 90, com a coexistência de um curso técnico profissional [mais antigo] e os primeiros bacharelatos. Algo que criava alguma confusão no mercado de trabalho. Bacharelatos? Um termo nostálgico e antiquado que, metaforicamente, demonstra que a educação social não é, hoje, assim tão recente. Se é certo que o serviço social, a sociologia e a psicologia eram, inequivocamente, profissões absorventes no mercado de trabalho. Também é certo que seria fundamental credibilizar e afirmar a educação social, o que tem vindo a acontecer um pouco ao longo de todos estes anos, através de movimentos associativos e encontros onde a determinação individual de cada Educador e Educadora Social, procurando dar nome e reconhecimento a esta área profissional. Em todos estes encontros foi possível assistir ao crescimento da profissão, fazendo história na educação social em Portugal, com motivação e inspiração de vários profissionais. Nesse sentido, percebe-se a importância de momentos como estes para que se possa procurar a inspiração necessária para marcar a diferença na vida das pessoas com quem intervimos. Cumprindo a missão, saindo revigorados para continuar a trabalhar e a apostar na valorização profissional desta profissão que não é, afinal, assim tão recente. Nestes encontros, são importantes ter em consideração dois formatos: inovadores e informais. Inovadores para que possamos apostar na diferença no que se refere à nossa atuação, e informais no sentido de manter a proximidade com os outros profissionais, assim como com áreas adstritas à nossa. Mas também é fundamental que cada encontro possa ser diferenciador, tornando-se único e cheio de significado, conduzindo a novos formatos. Mais próximos das pessoas.

Proporcionando a oportunidade de escutarmos, atentos e atentas, novas e inspiradoras experiências. O Encontro Internacional, Educação Social pelo Mundo, perspectivas de intervenção é o presente com base no passado. Talvez nos demonstre que o tempo é relativo e que, nestas questões relacionadas com a educação social, seja uma evidência de que não devemos parar, nunca! Considerando esta linha de pensamento, podemos dizer que o presente é positivo: o número de instituições de ensino superior que apostam na licenciatura em educação social é significativo; assim como o número de Educadores e Educadoras Sociais a trabalhar na sua área de formação é adequado. Diariamente, surgem ofertas de emprego, o que é incrível. E o número de Educadores Sociais integrados na função pública, vai sendo cada vez maior, pelo que assistimos à diversificação de contextos de intervenção, como é o exemplo da educação. Portanto, será seguro afirmar que o respeito pela nossa profissão é, hoje, uma realidade, surgindo novas oportunidades a cada dia que passa, fruto das mudanças na nossa sociedade. Estaremos prontos e prontas para este desafio?

**Palavras-chave:** Educação Social; Educadores Sociais; Passado e Presente da Educação Social.

---

